



Orquestra Académica Metropolitana
com Alunos da EPM

Fantásias Sinfónicas

Direção Musical
Jean-Marc Burfin

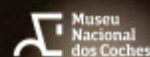
SÁB
28 JAN
20H00

PICADEIRO REAL
DO MUSEU
DOS COCHES

Obras de
Tchaikovsky
Rachmaninov

© Marcelo Albuquerque

PATRIMÓNIO
CULTURAL



FUNDADORES



MECENAS



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



Fantasia Sinfónicas

Piotr Ilitch Tchaikovsky (1840-1893)

Romeu e Julieta, Abertura-Fantasia (1869; 1880)

(duração aproximada: 20 min.)

Sergei Rachmaninov (1873-1943)

Danças Sinfónicas, Op. 45 (1940)

(duração aproximada: 35 min.)

I. *Non allegro*

II. *Andante con moto (Tempo di valse)*

III. *Lento assai - Allegro vivace - Lento assai - Come prima - Allegro vivace*



"Romeo and Juliet" (detail) - Frank Dielise

Romeu e Julieta

A Abertura-Fantasia *Romeu e Julieta* foi originalmente composta por Tchaikovsky em 1869, sendo revista pelo próprio em duas ocasiões distintas; primeiro em 1870, por sugestão de Balakirev, depois em 1880, resultando assim a versão que hoje conhecemos. Conforme o título indica, baseia-se na célebre tragédia de Shakespeare, na qual o Amor e a Morte andam de mãos dadas. O texto inspirou muitas outras criações musicais, tais como aquelas assinadas por Berlioz e Prokofiev. No caso de Tchaikovsky, resultou numa das mais belas melodias de sempre, essa mesma que entretanto se tornou símbolo da exaltação romântica.

São pouco menos de vinte minutos de música divididos em cinco partes: Prelúdio, Exposição, Desenvolvimento, Reexposição e Epílogo. Aparentemente, garantia-se assim o decalcamento dramático a partir dos cinco atos da tragédia shakespeariana. No entanto, logo se percebe que é um poema sinfônico que não respeita qualquer linearidade

narrativa. Em vez disso, assiste-se a uma construção livre que levou o próprio Tchaikovsky a designá-la como Abertura-Fantasia, denotando isso mesmo a espontaneidade e o lirismo que a orientaram – certamente, terá sido nesta obra que o músico se achou mais próximo da estética proposta pelo Grupo dos Cinco, alternativa ao formalismo ocidental. É possível, ainda assim, identificar associações com o enredo. Designadamente, em três tópicos fundamentais: o anúncio do conflito dramático, o arrebatamento amoroso e o culminar em tragédia. Logo de início, instala-se o conflito entre duas ideias musicais contrastantes: na primeira vislumbra-se o confronto entre os Capuleto e os Montéquio; na segunda uma melodia plena de afetação romântica que remete de imediato para o casal amoroso. Estes temas entrelaçam-se progressivamente na parte central do poema sinfônico de maneira a instalar o conflito dramático conducente ao clímax.

Se a música for, efetivamente, capaz de expressar ideias e emoções, estamos

diante da obra certa para o comprovar. O tema melódico que pretensamente expressa o amor é uma das melodias mais conhecidas de sempre, de tal modo que até já se tornou cliché no cinema e em séries televisivas. De certo modo, tornou-se símbolo do Amor, um tópico musical que reconhecemos de imediato e que se aplica às suas diferentes facetas, desde a paixão dilacerante à pura impossibilidade. Essa mesma melodia irrompe em vários momentos do poema sinfônico, sempre indiciando o desenvolvimento de um enredo que poderíamos entender como percurso que conduz desde o Amor até à Morte. Apresenta-se de início como um fraseio amplo sobre uma cadência sincopada e compassiva. Evoluiu depois numa disposição mais dispersa, porventura evocativo da hesitação e do pudor feminino. Por fim, assiste-se à reafirmação do primeiro desenho melódico, desta vez com maior opulência orquestral e obstinadamente interrompido pelo primeiro tema musical, como que ilustrando o desfecho trágico.

Três Danças Fantásticas

Sergei Rachmaninov compôs as *Danças Sinfónicas* no derradeiro fôlego da carreira. Foi em 1940, depois de passar o período de verão em Long Island, perto de Nova Iorque. Pretendia estreá-las enquanto música de um bailado de Michel Fokine, mas o coreógrafo morreu em 1942. Consta, também, que teria preferido que a obra se intitulasse somente *Danças*. Porém, com receio de que o público pensasse tratar-se de música para ser tocada por *big bands* em ambientes de convívio social, acrescentou o adjetivo *Sinfónicas*.

Rachmaninov foi um músico extraordinário. Exilou-se nos EUA na sequência da Revolução Bolchevique de 1917. Antes disso, tinha sido um dos maestros e compositores mais prestigiados da Rússia Czarista. Porém, as solicitações do mercado norte-americano obrigaram-no a partir de então a enveredar quase exclusivamente pela carreira de pianista. Não deixou, todavia, de compor, sendo as principais criações deste período – o qual se estendeu até ao final da vida, em março de 1943 – a *Rapsódia Sobre um Tema de Paganini*, a Sinfonia N.º 3 e as *Danças Sinfónicas*.

Estas últimas tiveram origem no seguimento de um festival inteiramente dedicado à sua figura pela Orquestra de Filadélfia, no estado da Pensilvânia. O sucesso da iniciativa, e consequente projeção mediática, abriram caminho à composição e à estreia desta obra, no dia 3 de janeiro de 1941. O Velho Continente achava-se nesses dias afundado nos conflitos da Segunda Grande Guerra.

De relance, e porque a partitura se compõe de três partes, as *Danças Sinfónicas* convidam à comparação com os andamentos de um Concerto, e até mesmo de uma Sinfonia. Porém, são efetivamente três danças, todas elas com uma estrutura A-B-A e uma secção central contrastante. No princípio, chamavam-se *Danças Fantásticas*, sendo cada uma delas alusiva a diferentes fases do dia: «meio-dia», «por do sol» e «meia-noite». Ao longo do processo criativo, o próprio compositor rasurou aqueles títulos. Ainda assim, não deixa de ser atrativo invocar imaginários poéticos por detrás de cada um dos «episódios». Será um tríptico musical em que se sucedem a manhã, a tarde e a noite? Serão três diferentes fases da vida do Homem?

A primeira dança é bastante enérgica e lembra em alguns momentos a música do bailado *Romeu e Julieta* de Prokofiev. Contém também reminiscências de um projeto inacabado do próprio Rachmaninov, o bailado *Os Citas*, ainda do período em que vivia na Rússia. Já a segunda dança tem como subtítulo «Tempo di valse», muito embora se perceba desde início – pelos acordes contundentes e pelos motivos melódicos serpeantes – que não corresponde à frivolidade dos salões oitocentistas. Por fim, a última dança afasta-se da melancolia e de alguma tristeza para anunciar uma transfiguração anímica, porventura espiritual. É curioso assinalar que a dada altura se distingue claramente a melodia de «Dies irae», o famoso hino que integra a liturgia católica dedicada aos mortos, o *Requiem*. No manuscrito autógrafo, o compositor escreveu por cima a palavra «Aleluia», porventura clamando redenção.



«Les Trois Danseuses» - Pablo Picasso (1925)



Jean-Marc Burfin © David Rodrigues

Jean-Marc Burfin Maestro Titular da OAM

Entra em 1983 para o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde obtém, em junho de 1987 e por unanimidade do júri, o 1.º prémio de Direção de Orquestra na classe de Jean-Sébastien Béreau depois de ter feito os seus estudos nos Conservatórios de Nancy, Metz, Estrasburgo e Reims.

Durante as masterclasses que frequenta, é encorajado pelos seus mestres Franco Ferrara, Charles Bruck, Pierre Boulez e Vitaly Kataev. Diplomado pela Academia de verão do Mozarteum, em Salzburgo, é convidado para dirigir a Orquestra do M.I.T. de Boston em 1984, ao lado de Lorin Maazel.

Na sequência de um seminário

internacional em Fontainebleau, é notado por Leonard Bernstein e em julho de 1987 convidado para dirigir a Orquestra de Paris.

Em 1990/1991 recebe uma bolsa franco-soviética para aperfeiçoamento dos seus conhecimentos do repertório russo com Alexandre Dmitriev, no Conservatório Rimski-Korsakov de São Petersburgo.

No Concurso Internacional de Jovens Diretores de Orquestra de Besançon em 1991 foi finalista laureado, e recebeu um prémio especial da Orquestra da Rádio-Televisão de Moscovo através do seu Diretor Vladimir Fedosseiev.

Jean-Marc Burfin dirigiu várias

orquestras, tanto em França como no estrangeiro (Colonne, Lamoureux, Pays de la Loire, Poitou-Charentes, Picardie, Potsdam Philharmonie, Württembergische Philharmonie, Sinfónica de Oviedo, entre outras). Foi Diretor Artístico da Orquestra Metropolitana de Lisboa durante a temporada de 2003/2004.

Gravou um CD na editora Naxos, consagrado à obra de Vincent d'Indy.

Pedagogo reconhecido, é um dos raros maestros em atividade a ensinar direção de orquestra.

Atualmente é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e Maestro Titular da Orquestra Académica Metropolitana.

Orquestra Académica Metropolitana

A OAM estreou-se em 1993, na sequência da criação da Academia Nacional Superior de Orquestra – uma instituição única no país, destinada a formar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra. Desde o seu início, a OAM é orientada por Jean-Marc Burfin, seu maestro titular. Constituída inicialmente por menos de trinta elementos, a OAM é hoje uma formação sinfónica englobando cerca de 70 músicos. Com uma temporada que se estende ao longo de cada ano letivo, a OAM mantém uma atividade regular de ensaios e concertos, apresentando-se não só na Área Metropolitana de Lisboa como também noutras localidades do país.

Com largas centenas de concertos realizados, abrangendo um repertório que vai do Barroco à música do século XX, a OAM tem executado obras de compositores tão representativos como Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Brahms, Schubert, Mendelssohn, Mahler, Ravel, Debussy, Milhaud, Bartók, Hindemith, Stravinsky e Varèse, entre outros.

Para além do seu maestro titular, a OAM é habitualmente dirigida pelos alunos do Curso Superior de Direção de Orquestra. Muitos dos concertos contam com a presença de maestros convidados, tais como Jean-Sébastien Béreau, Pascal Rophé, Robert Delcroix e Brian Schembri. A OAM possibilita ainda aos alunos da Academia a apresentação regular a solo com orquestra. Teve, ainda, o privilégio de tocar com vários solistas de renome como António Rosado, Gerardo Ribeiro, Paulo Gaio Lima, Liliane Bizineche, Francine Romain, Miguel Borges Coelho, Artur Pizarro, François Leleux e, num concerto humorístico, o quarteto italiano Banda Osíris.

Entre as suas deslocações, a OAM participou no Porto 2001 Capital da Cultura, num encontro internacional de orquestras de jovens onde tocou o *War Requiem* de Britten. Fez várias digressões pelos Açores e esteve no VII Ciclo Internacional de Orquestras Universitárias, em Saragoça, e subiu ao palco do Théâtre de la Monnaie, em Bruxelas. Na presente

temporada tem agendados quatro programas diferentes, participando ainda nos concertos da Orquestra Sinfónica Metropolitana.

A Academia Nacional Superior de Orquestra é uma instituição única no país, pela forma como interliga a formação com a prática musical. Especificamente destinada a preparar músicos profissionais nas áreas de Instrumento e Direção de Orquestra, o ensino aqui ministrado baseia-se num acompanhamento individual especializado, na prática de música de câmara e numa componente teórica complementar, sendo a Orquestra Académica Metropolitana o eixo central da formação destes jovens músicos. Os resultados pedagógicos são bem evidentes pelo número de alunos premiados em concursos de renome, pelas admissões dos estudantes aqui formados nas melhores escolas internacionais e pela alta taxa de empregabilidade destes jovens quando chegam ao mercado de trabalho.



FLAUTAS

Alexandra Orzol
Eduarda Soares
Catarina Silva
Gonçalo Reis
Martim Ricardo ²
Ana Clara Sousa

OBOÉS

Salomé Tomás
Adriana Santos
Rita Carneiro
Rodrigo Marques
Beatriz Tomás

CLARINETES

Rui Nunes
Teresa Pereira
Guilherme Duque
Rita Matos ²
Sara Rocha

FAGOTES

Miriam Cunha
Bárbara Rosado
Joelson Avelino
Roberto Arcãleanu

TROMPAS

César Luís
Ivan Branco
Tiago Nunes
Helena Gabriela
Francisco Alves ²

TROMPETES

Alexandra Moita
Rui Gil
Joana Fernandes
Tomás Almeida ²
Marco Jesus

TROMBONES

Tomás Gonçalves
António Manso
Tiago Cortes
Miguel Gonçalves ²
André Matos

SAXOFONE ALTO
Mauro Cardoso ²

TUBA

Rodrigo Cardoso

TÍMPANOS

Tiago Rocha

PERCUSSÃO

Rafael Louro
Duarte Pacheco
Bernardo Ramos ²
Gonçalo Onofre ²
Asafe Ferreira ²
João Gomes ²

PIANO

Afonso Salazar

HARPA

Emanuela Nicoli ¹

1.º VIOLINOS

Xavier Pereira
Francisco Costa
Luísa Semedo
Diogo Mateus
Carolina Correia
Filipa Braancamp
Carolina Parda
Clara Santos ²
Pedro Figueiredo ²
Lia Nascimento
Guilherme Reis
José Ribeiro
Cintia Sebastião

2.º VIOLINOS

Nuno Rodrigues
André Leal
Leonardo Martins
Raquel Botelho ²
João Martins
Leonor Santos ²
Ana Massacote
Guilherme Vínhas ²
Catarina Lobo
Inês Nogueira
Rita Almeida

VIOLAS

Sara Valentim
Ana Russo
André Teixeira
Alice Gorjão ²
Vladimira Plugaru
Luís Santos ²
Camille Estevão

VIOLONCELOS

André Alves
Rui Mota
Beatriz Correia
David Rodrigues ²
Catarina Alves ²
Inês Coelho
Sara Oliveira
Aurora Gomes ²

CONTRABAIXOS

Guilherme Reis
Pedro Aparício ²
Inês Silva ²
Rita Hipólito
Luana Ferreira ²

1- Convidada / 2- Aluno/a EPM

M

**DOM
29 JAN
17H00**

GRANDE
AUDITÓRIO
DO CENTRO
CULTURAL
DE BELÉM

Obras de
Luís Tinoco
Richard Strauss
Manuel de Falla

CCB

COPRODUÇÃO
Centro Cultural de Belém
Metropolitana

Lucas Macías Navarro
Oboé e Direção Musical

EL Amor Brujo

ORQUESTRA METROPOLITANA
DE LISBOA

M/6 - BILHETES À VENDA: 12€ a 20€
Na Ticketline e bilheteira do CCB todos os dias 11h00 > 20h00

FUNDADORES



MECENAS



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



PARCEIROS MEDIA



METROPOLITANA

Diretor Executivo Miguel Honrado
Diretor Artístico Pedro Neves
Diretor Pedagógico Yan Mikirtumov
Diretora Administrativa e Financeira Fátima Angélico

Fundadores



Ministério da Cultura
Ministério da Educação (representado pelo SE Adjunto e da Educação e pelo SE da Juventude e Desporto)
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo

Mecenas



Promotores

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

Parceiros em 2023

Câmara Municipal de Almada
Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



Patrocinador das Bolsas de Estudo ANSO



Patrocinador Principal



Patrocinadores



Parceiros Media



Parcerias

São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação | Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa | Museu Nacional dos Coches | Museu Nacional da Música

www.metropolitana.pt

facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela produção. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

Próximo Concerto

Pedro e o Lobo
SÁB. 4 FEV. 17H00

PICADEIRO REAL DO MUSEU NACIONAL DOS COCHES

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Maestro: **Pedro Neves**

Narrador: **Nuno Inácio**

Obras de **Haydn e Prokofiev** / Conto de **Chico Buarque**

BILHETES À VENDA - 8€ / < 12 anos - 5€

Reservas e Info:

relacoespublicas@metropolitana.pt